

**A construção da imagem de Luz del Fuego  
nos jornais brasileiros e a sua interferência na política  
capixaba das décadas de 30 e 40**

*The construction of the image of Luz del Fuego  
in Brazilian newspapers and their interference in the  
Espírito Santo policy of the 30's and 40*

Carlos Jordan Lapa ALVES<sup>1</sup>  
Ana Carolina da Silva FREITAS<sup>2</sup>

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo fazer uma breve reflexão sobre a influência do comportamento modernista de Luz del Fuego na política capixaba nas décadas de 30 e 40. Para alcançar o resultado foi feita uma revisão bibliográfica sobre a política da época e uma pesquisa documental nos principais jornais cariocas e capixabas.

**Palavras-chaves:** Luz del Fuego. Comportamento e Política.

## **Abstract**

This article aims to make a brief reflection on the influence of modernist behavior Luz del Fuego in Capixaba policy of the 30s and 40. To achieve the result was made a literature review on the politics of the time and documentary research in major Rio and Espírito Santo newspapers.

**Keywords:** Luz del Fuego. Behavior and Policy.

## **Introdução**

Após a Revolução Industrial o homem passou por diversas situações que coincidiram com caminhos que o levou às transformações sociais, econômicas e políticas. Analisando através da História Cultural as maiores transformações sociais

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem - UENF.  
E-mail: jordan.marquiory@hotmail.com

<sup>2</sup> Especialista em Educação. E-mail: jordan.marquiory@hotmail.com

foram em relação às mulheres, visto que, a partir de então elas deixam seu papel de excluída da história para ser tornar construtora da mesma (PERROT, 1988).

Este trabalho tem como objetivo analisar por meio de um estudo de caso a interferência de Luz del Fuego na política capixaba nas décadas de 30 e 40, visto que sua família era uma das mais importantes no cenário estadual e seu irmão, Atílio Vivacqua, ocupava o cargo de senador da república. Em oposição, Luz era uma das vedetes mais famosas do Brasil, pois seu comportamento nos palcos e nas ruas era extravagante e se desencontrava com os padrões sociais da época.

Para chegar ao ponto alvo desta pesquisa é necessário fazer uma breve reflexão sobre a formação dos aspectos morais e religiosos da sociedade brasileira e contextualizar o cenário político e econômico capixaba nas décadas de 30 e 40. Por fim, foi feita uma análise dos artigos, textos, anúncios e colunas dos principais jornais cariocas e capixabas com o objetivo de compreender o impacto das ações de Luz del Fuego na sociedade brasileira e consequentemente capixaba.

## **Corpo e sexualidade: o papel da mulher dentro da sociedade**

A mudança no comportamento feminino foi algo que causou espanto e temor na sociedade e também incentivou os debates entre conservadores e progressistas. A independência feminina do início do século XX embora tenha sido algo a se comemorar também requereu das mulheres um preço a pagar. Toda ousadia por sair às ruas sozinhas ou pelo trabalho fora do lar exigia que ela mantivesse o “ar respeitável” e que jamais fosse vista a passear com outro homem que não fosse seu marido ou algum familiar, afim de que mantivesse a sua reputação e a do seu esposo, “(...) um brado feminino de inconformismo, tocado pela imagem depreciativa com que as mulheres eram vistas e se viam [...]” (MALUF e MOTT, 1998, p.369)

Se para os conservadores as alterações no comportamento das mulheres causavam constrangimento e receio, havia uma parcela que há muito tempo esperava pelo momento em que a mulher iria quebrar suas restrições sociais, econômicas e políticas. Até então o papel das mulheres, restritamente, ligado ao lar demonstrava a supremacia masculina que reinava na sociedade. A essas mulheres que viviam ou viam em seu futuro um papel secundário e preconceituoso na sociedade e uma vida monótona

surgiam os ideais de liberdade, mesmo que não plenos devido sua ligação com o marido.

Com o crescimento das cidades, o êxodo rural e o pluralismo dos habitantes que ali começaram a viver, negros e seus descendentes, imigrantes, pobres e as elites, houve uma mudança na ordem social e conseqüentemente de valores e costumes. Segundo Maluf e Mott (1998), a urbanização foi dada a responsabilidade pela quebra de costumes e inovações na rotina das mulheres e conseqüentemente as mudanças nas relações entre homens e mulheres e a ordem familiar, tida como o mais importante suporte do Estado e única instituição social capaz de represar as intimidadoras posturas modernas.

Com base nessas transformações e temerosos do rumo que a base familiar poderia tomar, deu-se início a uma série de tentativas de manter a ordem e normalização da estrutura familiar e social através do casamento e do papel que a mulher deveria exercer dentro e fora do lar. Alguns comportamentos masculinos anteriormente considerados como naturais já não agradavam a mulheres, um indicio da corrosão que vinha sofrendo os costumes. Os homens amedrontados com a nova mulher ofereceram margem para que conservadores como Menotti del Picchia (apud MALUF e MOTT,1998, p.372) a dizer: “Os moços, com razão, andam ariscos [...] Será justo que um moço trabalhador e honrado entregue seu nome nas mãos de uma cabecinha fútil e doidivanas[...]?”

Dessa forma os deveres das mulheres no Brasil foram sendo construídos e cristalizados através de um discurso ideológico em que uma mulher e esposa respeitável, era aquela que se recolhia ao lar, que não tentava assumir um papel social que por direito pertencia ao homem. Suas atividades ficavam restritas ao privado, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa.

Baseado na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera da vida privada, o discurso é bastante conhecido: o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã. (MALUF e MOTT,1998, p. 374)

Foi assim, que os papéis de cada um foram sendo desenhados dentro da sociedade. Ao homem caberia o mundo, o trabalho e a mulher o lar. Se o homem era responsável pelo provento da casa, cabia a esposa o trabalho de transformá-la em um

lugar feliz, amoroso, tranquilo e harmonioso. Ao primeiro olhar parecia que um complementava o outro, no entanto a mulher estava sempre sendo subordinada e dependente do homem. Dependendo dele a autorização para algumas tarefas, como a de trabalhar fora. A autoridade do marido sobre a sua esposa acontecia naturalmente, de forma que ele assumia também o papel de pai e por isso poderia corrigi-la quando acreditava ter necessidade (MALUF e MOTT, 1998).

A justificativa para a superioridade masculina era construída com o argumento de se manter a ordem familiar, tão ameaçada pelas ideias feministas e modernas. Assim, como dito anteriormente, cabia o homem a manutenção da família e a mulher ser esposa e mãe. A divisão do trabalho imposta fez com que houvesse uma desvalorização das atividades exercidas pela mulher.

As desigualdades entre as funções desempenhadas por homens e mulheres, que os identifiquem ou com a rua ou com a casa, não vieram desacompanhadas de uma valorização cultural. Isto é, as atividades masculinas foram mais reconhecidas que as exercidas pelas mulheres, razão pela qual forma dotas de poder e valor. (MALUF e MOTT, 1998, p. 380-381)

O que dava poder e supremacia ao homem era o fato de trabalhar e manter sua família. A quebra dessa hierarquia tradicional, ou não poder sustenta-la, gerava no homem um sentimento de inferioridade e incompetência. O dever não cumprido, imposto pela sociedade, que considerava desonrosa a complementação da renda familiar pela esposa fazia com que, segundo Maluf e Mott (1998), alguns maridos cometessem o suicídio, devido o não cumprimento da sua obrigação moral. Os conservadores mais extremistas chegavam a culpar esses maridos pelos avanços do feminismo, pois a sua incapacidade de cumprir seu papel familiar, impeliu as mulheres ao mercado de trabalho. A mulher casada que recebia do seu conjugue todo apoio familiar necessário cabia respeitar “os ditames da moral e do bom costume” com a finalidade de não manchar a honra do seu marido.

O casamento foi por muitos anos utilizados como uma máquina ideológica para distinguir aquilo que era correto do errado, o bom e o mau. No modelo tradicional e conservador cada um dos conjugues deveria saber e respeitar seu papel dentro do sistema familiar. O crescimento urbano e a modernização ameaçavam a organização

doméstica. Segundo Maluf e Mott “o menor sinal de flexibilização na divisão sexual das funções no interior da família era repercutido pelos conservadores e reformistas como uma ameaçadora vaga modernizante” (1988, p.385). O progresso era visto como um sinal de que a tradição estava em perigo e que as famílias deveriam manter-se firmes e socialmente imutáveis não se deixando contaminar pela nova divisão sexual e trabalhista.

Se hoje, no século XXI, a mídia ainda é capaz de controlar, formar e reformular opiniões, nas primeiras décadas do século XX era uma arma na disseminação dos valores considerados base da sociedade. As novidades que traziam a vida moderna, inegavelmente, iriam causar mudanças na estrutura familiar. Mas elas não deveriam corresponder aquilo que acredita ser o correto, honesto e ético.

A modernidade e a mudança comportamental da mulher não ocorreram na velocidade com que costumamos ler ou ouvir. Contrariamente ao que se pensa, a disseminação do mal trazido pela modernização da sociedade acabou por cristalizar velhas normas.

Mesmo que por muitos anos o conservadorismo familiar tenha lutado no combate a vida moderna, as mudanças não puderam ser evitadas. O novo caminho que a sociedade, aos poucos, ia trilhando tornou confuso o papel de cada gênero dentro da coletividade. Homens e mulheres não sabiam com exatidão quais seus papéis dentro da nova ordem social e familiar.

Diante de um mundo mais permissível e abrangente a moral sexual e o amor mais uma vez foram utilizados para pôr as coisas nos “trilhos”. Em um mundo onde independência feminina era vista como anormal e antiética, os discursos em favor da família e do casamento se multiplicaram. O casamento era o melhor para o corpo, pois evitava-se a fornicação, e para alma, impedindo o pecado da luxúria, além de ser uma forma de estabilidade social “(...) no lar, no seio da família, que se estabeleciam as relações sexuais desejáveis e legítimas, classificadas como decentes e higiênicas”. (MALUF E MOTT, 1998, p. 386)

A mulher de boa família que diante da sociedade era aclamada como um ser admirável por sua conduta tinha uma terrível rival: a mulher moderna. Novas estratégias na educação das meninas foram incorporadas, a fim de preservar o modelo tradicional

de casamento e ao mesmo tempo alertar as futuras esposas sobre os acontecimentos da primeira noite de núpcias.

Os perigos da vida moderna eram tão reais, que uma sociedade conservadora deveria abrir mão de alguns valores a fim de preservar outros.

O sucesso do casamento passou a depender do grau de amizade e cumplicidade do casal. Tudo o que envolvia a sexualidade, mantida como um assunto tabu envolta em uma redonda de mistério e pecado era um mundo novo e desconhecido das moças da época. Muitas viam a partir da primeira noite juntos, o esposo alguém a quem temer, devido aos instintos naturais e brutais dos homens. A perda da inocência com relação à iniciação sexual tinha como meta prepará-las para esse primeiro contato e um sucesso matrimonial, futuramente.

Aos maridos era recomendado um cuidado especial durante o defloramento da mulher, que poderia ver na primeira experiência sexual um trauma. Muitas foram as “normas e as condições indispensáveis para o bom êxito do matrimônio. Para satisfazer tal necessidade o casal precisava “aprender a ser feliz” (MALUF e MOTT,1998, p. 394)

Com a urbanização e o conflito entre valores tradicionais e conceitos modernos, a real intenção por trás da educação sexual não seria uma maior instrução com relação ao assunto, mas sim, segundo Maluf e Mott (1998), preservar o tradicional modelo matrimonial e normalizar e regradar os comportamentos sexuais.

## **Vitória, quase, certa.**

O Brasil dos anos 1940 era profundamente diferente daquele que havia existido durante a Primeira República. Em 1945 quando Getúlio Vargas deixou o governo, o Brasil havia passado por inúmeras transformações estruturais que ganharam notoriedade a partir de 1930. Essas estavam relacionadas ao desenvolvimento econômico que refletia nas diversas áreas da sociedade brasileira. Entre 1930 e 1940 o Brasil fez a travessia de um país essencialmente rural para mundo urbano, tal evolução fez ocorrer profundas e significativas mudanças na vida dos brasileiros (RODRIGUES, 2010). O processo de urbanização trouxe um desordenado crescimento das cidades o que favoreceu o sincretismo cultural, visto que, dentro das cidades houve um maior contato

entre os grupos sociais e regionais distintos. Este processo de modernização socioeconômico interferiu no que a História Cultural denomina de público e privado.

Baseando se na visão da Escola dos Annales, partindo de uma visão do macro espaço a história brasileira interfere diretamente na história capixaba que sente seus reflexos. Entretanto, no Espírito Santo percebemos uma diferença nas transformações econômicas como afirma Zorzal, neste estado houve um processo de recolonização:

No entanto, é preciso ressaltar que a natureza da diferenciação social, que se processava no Espírito Santo, era distinta daquela que, simultaneamente, ocorria no centro-sul. Enquanto que nos demais Estados do centro-sul, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul a diferenciação era decorrente da intensificação do processo de industrialização e da concomitante urbanização; sendo que este último se realizava sobretudo via migração de significativas camadas populares do interior e do campo, que se deslocava para as capitais daqueles Estados; no Espírito Santo, a diferenciação decorria da expansão da fronteira agrícola, via processo de recolonização de descendentes dos imigrantes estrangeiros aqui fixados no último quartil do século XIX. Essa maior ocupação territorial aumentou o contingente das classes formadas na pequena e média produção rural e gerou um maior dinamismo econômico, resultando na ampliação do espectro das atividades terciárias e expandindo dessa forma os centros urbanos. (ZORZAL,1986 p.375)

O processo de recolonização no Espírito Santo resultou em uma política com ares e influências do coronelismo. A elite agrária manteve seu poder assegurado pela posse de terra e sua influência na política estadual torna-se indubitável nas eleições para presidente de estado em 1947. Sobre a interferência coronelística:

Na medida em que ele buscava consolidar a hegemonia das forças agrofundiárias na direção do Aparelho Regional de Estado ele utilizaria procedimentos típicos do coronelismo para conseguir seus objetivos; onde a estratégia de assumir a direção absoluta do referido Aparelho deles. (ZORZAL,1986, p.377).

Pode-se considerar que as disputas políticas que se desencadearam durante as décadas de 30 e 40 foram jogos políticos entre poderosas famílias tradicionais capixabas que mantiveram seu poder sobre a terra, mas também se adequaram ao processo modernizador nacional e se fizeram presentes nas relações comerciais dentro das cidades como é caso da família Vivaccqua que se apoiou financeiramente em sua empresa de exportação de produtos agrícolas.

Contudo, seja no campo ou na cidade, especialmente em Cachoeiro de Itapemirim as relações políticas se resolviam no âmbito de duas facções políticas pessedistas: jaonistas e Atilistas (Zorzal, 1986.p.329). A divisão política dentro do partido teve como ponto de partida a nomeação de Jones dos Santos Neves, por Getúlio Vargas, como interventor do estado em substituição a João Punaro Bley. Atílio Vivacqua que então era diretor da Companhia Territorial de Colatina, responsável pelo povoamento da área do Rio Doce, queria a indicação de Carlito Mendes ou sua própria candidatura, como a negação dos líderes políticos Atílio rompeu com João Punaro Bley e o PSD, fundando o Partido Republicano (PR). Atílio havia sido eleito pelo partido como senador com 60.319 votos.

Na ala do jaonistas foi indicado ao cargo de presidente de estado Carlos Fernando Monteiro Lindenberg membro da família Souza Monteiro uma das mais tradicionais do Espírito Santo representava a força dos grandes latifundiários do sul do estado que cultivavam o café e herdeiro da doutrina do ex-governador Jerônimo Monteiro. Sua política estava baseada na produção e escoamento de produtos cultivados nas grandes fazendas. Contrariando o cenário econômico nacional e mundial aos quais estavam baseados na política de modernização dos setores agrícolas.

Entretanto, Atílio Vivacqua foi vereador de Cachoeiro de Itapemirim (1920 a 1924), Deputado Estadual (1934 a 1937), Senador (1955 a 1961) e Secretário de Educação no governo de Aristeu Borges de Aguiar. No último cargo vale ressaltar as mudanças estruturais na educação primária e secundária no ensino capixaba. Procurado também pela sua competência no meio jurídico, Atílio era o representante legítimo da classe média urbana. Pelas suas propostas, cargos e corrente jurídica a maior parte dos intelectuais, comerciantes e a classe média em geral se viam representados pela política Atilista. Este demonstrava uma saída ao poder dos coronéis no meu rural.

Segundo Marta Zorzal (1986) a disputa política torna-se mais complexa e antagônica analisando os planos de governo de cada candidato. O candidato Carlos Lindenberg (PSD/UDN) alegando falta de tempo não lançou seu projeto de governo, mas se baseou em apenas uma proposta: "Cancelamento de todos os impostos sobre a lavoura". (Apud Zorzal, 1986, p. 344). Reafirmando assim a sua aliança política com os grandes latifundiários. Entretanto, podemos considerar que ao beneficiar os latifundiários Lindenberg privilegiava a população rural com uma política simplista,



mas que atingia 79,07% da população capixaba, visto que, na década de 40 era a grande maioria. Como prova a tabela abaixo:

– População urbana e rural do Espírito Santo – 1940 x 1970

Ano	População Urbana		População Rural	
	Total	%	Total	%
1940	157008	20,93%	593099	79,07%
1950	186132	21,83%	666627	78,17%
1960	379689	31,94%	808976	68,06%
1970	722214	45,16%	877110	54,84%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1940, 1950, 1960 e 1970.

Defrontando os dois planos de governo a versão atilista ficou mais complexa, pois "na realidade, a plataforma de governo de Atílio Vivacqua era, de certa forma, bastante avançada para a época". (ZORZAL, 1986.p.346). Entretanto, tal complexidade e modernidade não fazia parte do eleitorado capixaba que ainda vivia sobre o domínio coronelístico e estava preso a terra. Mudanças educacionais, administrativas, políticas ou sociais soavam para os eleitores como transformações quimeras de seu meio social.

Segundo Almeida (2010) a campanha política de Lindenberg foi extremamente rápida, sem faixas ou propagandas que divulgassem o candidato, pois não haveria tempo para tais providências em contrapartida Atílio não tinha apenas faixas espalhadas por todo estado, mas também o jornal *A Gazeta* a seu favor, que diariamente trazia notícias da campanha e dos comícios do candidato.

O tabloide mantinha acoplado ao seu jornalismo uma função político-partidária a favor da UDN. Em 1948, o jornal foi vendido e desde 1949, quando as ações foram repassadas aos compradores "A *Gazeta* passou a ter a família Lindenberg como acionista majoritária" (CORRÊA, 2012, p.1).

No jornal não havia muitas notas para o concorrente de Atílio. As manchetes favorecendo o Vivacqua e renegando Carlos Lindenberg rendeu um processo por calúnia ao periódico. (DIÁRIO CARIOCA, 07/ 03/47, p.10)

Apesar do pouco tempo e nenhuma propaganda Lindenberg foi adquirindo admiradores por onde passava. "Ele fazia discursos: 210, com um único teor: o cancelamento dos impostos sobre lavoura, porque" "o lavrador não pode e não deve

pagar imposto algum, já paga grande tributo à natureza e deve ser tratado pelo governo em primeiro plano”. (ALMEIDA, 2010, p.207)

Mesmo possuindo tudo a seu favor, a mídia, importantes políticos e uma intensa campanha, no dia 19 de janeiro de 1947 as urnas trouxeram uma surpresa: Lindenberg havia sido eleito com 60.038, enquanto Atílio recebeu 31.072 (DIÁRIO CARIOCA, 01/02/47, p.1).

## **Luz e Fogo**

As mudanças que ocorreram na segunda metade do século XX no Brasil, urbanização, modernização e a revolução trazida pela popularização da televisão, não chegaram a todos os lugares. No interior principalmente algumas tradições mantiveram-se firmes e o ideal do que seria moral e ético com relação às mulheres permaneceu.

A inserção no mercado de trabalho, o cinema, teatro e o feminismo foram fatores importantes nas transformações do cotidiano feminino. O lar deixou de ser “lugar de mulher” e a nova educação sexual deixou de pregar o corpo como uma forma de pecado e prisão. Os casamentos antes vistos como um negócio, um contrato onde a mulher deveria trabalhar para o seu bom funcionamento, tornou-se algo prazeroso, a paixão, o amor e o sexo, sem o objetivo de procriação, começou a fazer parte da rotina dos casais.

O cinema, a televisão e o teatro contribuíram para algumas dessas mudanças. As telas traziam romances e beijos apaixonados, faziam com que as moças e esposas desejassem viver o mesmo. O corpo feminino estava cada vez mais em evidência. "De fato, o cinema exerceu papel de destaque na mudança de valores, hábitos e modos de agir dos jovens. Através dele difundiram-se novos modelos de comportamento (...)" (RODRIGUES, 2010, p.12).

No filme *No Trampolim da Vida* a cena em que Luz Del Fuego realizou sua famosa apresentação com as cobras e segundo o jornal Diário da Noite (09/01/47) foi a melhor cena do filme, onde arte, ousadia e perícia fizeram um ótimo espetáculo, mas que segundo a própria Luz havia sofrido muitos cortes devido à pudica censura do nosso país.

Mas essa transição ocorreu de forma lenta e muitos costumes foram mantidos de maneira disfarçada. Embora tenha ocorrido uma revolução nas ações femininas como o

direito a escolarização e a profissionalização não mudaram alguns valores enraizados na nossa sociedade. Um exemplo dessa modernidade nem tão moderna são as críticas levantadas contra Dora Vivacqua, conhecida nacionalmente como Luz Del Fuego.

Luz nasceu Dora Vivacqua, tendo como pais Etelvina Monteiro e Antônio Vivacqua, no dia 21 de fevereiro de 1917. Dora, desde sua infância mostrava sinais de extravagância e complexos de modernidade. Sacudiu a pequena cidade de Cachoeiro de Itapemirim nos carnavais com fantasias de odalisca ou havaiana, irreais para o mundo de uma cidade no interior do Espírito Santo (DEL PRIORE, 2011). Mas seu auge foi quando se mudou para o Rio de Janeiro, na época capital do país, local de movimentação de ideias, filosofias e estilos de vida. Mesmo em um local com ares modernizadores a complexa vida de Dora estremecia a pseudo-tradicional família carioca. Nos palcos chocava até os mais futuristas com suas danças com traços indianos e suas cobras que cobriam seu corpo. No início da carreira Dora era conhecida como Luz Divina, mas o sucesso tão almejado veio através do nome de um batom argentino: *Luz Del Fuego*. Rapidamente Luz virou a sensação dos teatros cariocas, brasileiros e internacionais, turnês nos Estados Unidos e Europa, sua dança exótica virou recorde de público.

Luz, juntamente com alguns nomes do teatro como Dercy Gonçalves, Bibi Ferreira e Elvira Pagã, representava um perigo para os modelos ainda existentes, de como deveria ser o comportamento de uma mulher "de bem", afinal, uma mulher que expõe seu corpo, escandalizando toda a sociedade brasileira não poderia ser vista com bons olhos.

O comportamento rebelde, feminista e modernista de Luz eram manchetes constantes nos principais jornais da época. Embora tenha conquistado muitos admiradores, Dora era vista como uma ameaça a moral e aos bons costumes, conhecida por suas apresentações com cobras e totalmente nua o deputado Aldebaro Klatau, Belém, verberou suas exposições alegando que suas ações e trajes eram uma provocação aos lares cristãos e uma exploração da luxúria e depravação. (CORREIO DA MANHÃ, 9/12/49).

Contudo, o que difere Dora Vivacqua, vulgo Luz Del Fuego de outras personalidades futuristas femininas é sua origem aristocrática pertencente a uma das famílias mais tradicionais do sul do estado do Espírito Santo e com tradições enraizadas

no catolicismo dogmático. Criando assim um antagonismo entre o conservadorismo e as filosofias modernistas.

Durante uma de suas turnês pelo estado de Minas Gerais, Luz, novamente, foi impedida de exhibir-se devido a uma ordem do Delegado de Costumes e Diversões de Belo Horizonte. O motivo? O delegado era casado com a irmã de seu cunhado, para ela seus maiores perseguidores eram seus familiares. Em entrevista à Revista do Rádio (05/06/1950) Luz dizia sofrer perseguição familiar desde os 15 anos, quando passou a não depender mais de parentes, e que evitava utilizar seu nome de batismo, Dora, ou revelar seu sobrenome, Vivacqua, mas devido à insistência da família em persegui-la ela passou a fazer questão de revelar sua descendência e declarava que: “meu irmão, principalmente, vale-se do poder de senador, para impedir que eu me exhiba no Rio de Janeiro, em “boites” ou teatros” (REVISTA DO RÁDIO, 05/06/1950, p.6).

Dentro da historiografia capixaba o maior impacto que a propaganda negativa de modernização cultural utilizando o corpo em uma sociedade patriarcal, tradicional e essencialmente católica foi à utilização da imagem de Dora contra o seu irmão no pleito de 1947. Segundo Agostinho (1994, p.180) Carlos Lindenberg utilizou da imagem transversal da Vivacqua para atacar seu oponente na corrida governamentista. A mesma autora ainda afirma que Luz Del Fuego fazia chantagens contra seu irmão, visto que a mesma sabia das consequências da utilização da sua imagem e atitudes dentro da sociedade conservadora capixaba para definição do resultado do pleito de 47.

Segundos os jornais Luz tinha um comportamento extravagante e exibicionista que incomodava muita gente importante, a mais famosa foi sua expulsão do Teatro Municipal do Rio no baile de Carnaval de 48. Com uma vestimenta, que segundo os tablóides, não pesa mais de 200 gramas, Luz Del Fuego compareceu ao baile vestida de "Eva no Paraíso" o prefeito pediu que ela se retirasse do recinto.

A conduta de Dora provocava um reboiço na população e no imaginário masculino, uma vez em que estamos falando de um período da história onde algumas restrições ainda eram impostas as mulheres, que deveria se manter recatada e pura,

Seu estilo de vida naturista, exibicionista e excêntrica despertava a curiosidade de quem a observava, um exemplo de seu sucesso é seu livro *Verdade Nua* alcançou um sucesso sem precedentes vendendo nada menos que 1732 exemplares em quatro dias (DIÁRIO DA NOITE, 22/02/1949, p.10).

Louca, imoral e exibicionista, era essa a mensagem que Luz passava a primeira vista, no entanto "Luz Del Fuego representava o protótipo da mulher moderna. Com idéias avançadas, querendo se libertar de preconceitos sociais, idealiza e se joga à aventura, sem considerar as possíveis críticas." (DIÁRIO DA NOITE, 22/02/1949, p.10).

Algumas atitudes de Dora podem ser interpretadas como uma provocação explícita a sua família e ao irmão. Uma delas foi a Criação do Partido Naturalista Brasileiro (PNB), que segundo a própria líder veio como uma "libertação dos oprimidos sociais." onde "todos gozarão do livre direito de viver como melhor convier" (A CENA MUDA, 2/05/1950, p.5). O PNB tinha como proposta uma vida mais feliz, dentro de uma moral menos hipócrita e com um maior contato com a natureza e diferentemente do que muitos pensavam seu partido não representava uma ameaça a moral e a religião, seu lema representava apenas uma ideologia de vida mais ligada a natureza (DIÁRIO DA NOITE, 13/09/1949, p.6). Desta forma Luz se lança como candidata a vereadora do Rio sob a legenda "mais pão e menos roupa" (REVISTA DO RÁDIO, p.35).

As críticas contra "a mulher das cobras" foram imensuráveis, mas havia quem fosse a seu favor. A Revista da Semana dedicou sua publicação do dia 19 de novembro de 1949 a entender os porquês por trás da rebeldia de Luz. Com o título *Atire a Primeira Pedra!* o periódico contou sua trajetória desde a infância em Cachoeiro até o famoso espetáculo com as cobras. Em sua entrevista Luz conta como foi seu processo de transformação e a convivência com sua família e seu irmão, o senador Atílio Vivacqua. A edição tenta justificar as atitudes de Dora através da falta de afeto e o distanciamento familiar e fecha o texto com a surpreendente declaração do que, realmente, a irreverente vedete almeja:

Deseja um lar confortável, com um esposo digno e compreensível [...] acredita ser capaz de tudo abandonar com a finalidade exclusiva de tornar-se uma esposa fiel para o homem que a escolher. Adora a vida no lar ocupando-se nas horas de folga em afazeres que se enquadram apenas na formação de mulher simples e pacata. (REVISTA DA SEMANA, 19/11/1949, p.52)

## Considerações finais

A sexualidade, involuntariamente, nos leva a refletir sobre questões morais, esses questionamentos estão intimamente ligados aos papéis sociais e a cultura em que pertence o indivíduo. Por mais liberais que possamos parecer à sociedade brasileira ainda se mantém conservadora e moralista.

Essa concepção da melhor e mais correta condução moral é uma fiel herança dos nossos colonizadores portugueses, que possuíam como única obrigação para ocupar o território recém-descoberto a missão de catequizar seus nativos e leva-los a salvação através da religião católica. Luz Del Fuego, que durante os anos 40 ficou conhecida por dançar com cobras e por apresenta-se, na maioria das exposições, completamente nua antagonizava com os dogmas morais e comportamentais exigidos pela sociedade brasileira. Sua irreverência causou um profundo impacto em sua família de cunho conservador e uma das mais influentes no Espírito Santo, os Vivacqua.

Diferentemente da irmã Attílio Vivacqua era figura constante nos jornais devido sua influência política no estado capixaba e no Governo Federal. Sempre envolvido em grandes questões políticas como a lei da anistia, Attílio demonstrava em seus livros ser um político visionário, mas seus projetos de lei no senado representavam a tradição agrícola capixaba que enxerga com mal ver os ares modernizadores trazidos por Dora.

Percebeu-se, através das colunas dos jornais, entrevistas e memoriais que, o modernismo que Luz del Fuego representava não ameaçava as relações de parentesco com seu irmão, mas sim ameaça a candidatura do mesmo para um cargo público. O choque cultural, em suma, não era mal visto por Attílio, mas sim pela sociedade capixaba. Dentro de uma visão historiográfica cultural o que difere o caso Vivacqua dos outros são as relações de poder que surgem no decorrer da história, uma história íntima que se entrelaça com uma história local, estadual e nacional.

## Referências

AGOSTINHO, Cristina.; PAULA, Branca de.; BRANDÃO, Maria do Carmo. **Luz del Fuego: A Bailarina do povo**. São Paulo: Best Seller, 1994.

ALMEIDA, Amylton de. A revolução gera o PSD. In: **Carlos Lindenberg: um estadista e seu tempo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

ALMEIDA, Amylton de. Amarga ironia. In: **Carlos Lindenberg: um estadista e seu tempo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

CORRÊA, José Carlos. A Gazeta- Vitória (ES) do jornalismo partidário à gestão profissional. **Revista Destarte**. v.2, n.2, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

MALUF, Marina.; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando.; SEVCENKO, Nicolau. (Orgs.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1950**. 3. ed. São Paulo: Memórias, 2010.

SILVA, Marta Zorzal e. **Espirito Santo: estado, interesses e poder**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/SPDC, 1995.